



## **Estudos em Escrita Criativa**

Patricia Gonçalves Tenório<sup>1</sup>

Julho, 2021

### **A senhora de Goiás**

[https://www.youtube.com/watch?v=mxzEe\\_xDOnC](https://www.youtube.com/watch?v=mxzEe_xDOnC)

Uma menina nasce no mês de agosto. O ano, 1889. A cidade, Goiás Velho ou antiga Vila Boa, no estado brasileiro de Goiás. O nome, Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas. Ou, como a conhecemos, Cora Coralina.

A história de Cora Coralina se mistura com a da cidade de Goiás, com a da Casa Velha da Ponte onde nasceu, às margens do rio Vermelho, se mistura com a história de todas nós, escritoras, mulheres, de todos os tempos e espaços. Mistura-se com o processo de criação.

E nada mais acertado para os nossos Estudos em Escrita Criativa 2021 – Os mundos de dentro – do que pôr em diálogo (apesar de – a contragosto por causa do tamanho deste artigo – brevemente) a escrita de Cora Coralina, a senhora de Goiás, com a da jovem escritora contemporânea convidada do módulo 7, poetisa, professora de Escrita Criativa pela PUCRS, natural do Mato Grosso do Sul, Moema Vilela.

Porque, da mesma forma que Almir Sater e Renato Teixeira afirmam no vídeo de abertura das aulas do módulo 7 sobre Cora Coralina...

Penso que cumprir a vida

Seja simplesmente

---

<sup>1</sup> Escritora, vinte livros publicados, sendo um no formato de videopodcast, mestre em Teoria da Literatura (UFPE) e doutora em Escrita Criativa (PUCRS). Contatos: [grupodeestudos.escritacriativa@gmail.com](mailto:grupodeestudos.escritacriativa@gmail.com) e <https://www.youtube.com/estudosemescritacriativa>

Compreender a marcha

E ir tocando em frente

... o nosso curso entra no tempo do centro do país, desacelera as horas e bebe da mais pura e límpida poesia.

## As teorias

Começemos com a *ekphrasis* e a escrita da senhora de Goiás.

Do grego *εκφραζειν*, “explicar até o fim”, ou seja, um fenômeno da representação verbal de uma representação visual, muitos são os exemplos de *ekphrasis* no Ocidente, tendo sua origem na descrição de Homero do escudo de Aquiles, na *Ilíada* (século IX antes de Cristo), abismando-nos com o *Laocoonte* de Lessing (1766), passando pelos românticos, com o poeta inglês John Keats, em “Ode a uma urna grega” (1820),<sup>2</sup> até chegarmos à poesia e à prosa de Cora Coralina.

Logo no início de um dos livros estudados para compor as aulas do módulo 7, *Melhores Poemas*,<sup>3</sup> descobrimos a representação verbal da representação visual de um prato de porcelana azul-pombinho da bisavó que a menina Anna quebrou sem querer.

Era um prato original,

muito grande, fora de tamanho,

um tanto oval.

Prato de centro, de antigas mesas senhoriais de família numerosa.

De fastos de casamento e dias de batizado.

Pesado. Com duas asas por onde segurar.

Prato de bom-bocado e de mães-bentas.

---

<sup>2</sup> Em *História da feiura*, tradução de Eliana Aguiar, Rio de Janeiro, Record, 2007, p. 271, o romancista e semiólogo italiano Umberto Eco nos apresenta a análise de Lessing do Laocoonte, escultura grega do século I a.C. e que se encontra no Museu do Vaticano. Em *História da beleza*, também tradução de Eliana Aguiar, Rio de Janeiro, Record, 2004, p. 315, o mesmo Umberto Eco nos apresenta a relação entre a verdade e o mito em “Ode a um vaso grego”, de John Keats.

<sup>3</sup> CORALINA, Cora. *Melhores poemas Cora Coralina*. Seleção: Darcy França Denófrío. Direção: Edla Van Steen. 4ª ed. São Paulo: Global, 2017.

[...]

Era, na verdade, um enlevo.

Tinha seus desenhos  
em miniaturas delicadas.

Todo azul-forte,  
Em fundo claro  
num meio-relevo.

Galhadas de árvores e flores  
estilizadas.

Um templo enfeitado de lanternas.

Figuras rotundas de entremez.

Uma ilha. Um quiosque rendilhado.

Um braço de mar.

Um pagode e um palácio chinês.

Uma ponte.

Um barco com sua coberta de seda.

Pombos sobrevoando.<sup>4</sup>

Notemos que Coralina entremeia pura descrição poética, ou representação verbal da representação visual do prato azul-pombinho, ou, simplesmente, *ekphrasis*, com reminiscências em forma de narrativas, como se aqueles objetos fossem o ponto de partida para a contadora de histórias, e os versos fossem desfiados como o tear sem-fim de Penélope à espera de seu Ulisses, na *Odisseia* de Homero.

Ou mesmo a descrição da decadência da Casa Velha da Ponte, às margens do rio Vermelho, lugar outrora cheio de pompa e riqueza.

Fechado. Largado.

O velho sobrado colonial  
de cinco sacadas,

---

<sup>4</sup> CORALINA, Cora. O prato azul-pombinho. In *Nos reinos de Goiás*. In Op. cit., 2017, p. 35, colchetes nossos.

de ferro forjado,  
cede.  
[...]  
O Passado...  
[...]  
Salas. Antigos canapés.  
Cadeiras em ordem.  
Pelas paredes forradas de papel,  
desenho de querubins, segurando  
cornucópia e laços.  
Retratos de antepassados,  
solenes, empertigados,  
Gente de dantes.  
[...]  
Gente que passa indiferente,  
olha de longe, na dobra das esquinas,  
as traves que despencam.  
– Que vale para eles o sobrado?  
Quem vê nas velhas sacadas  
de ferro forjado  
as sombras debruçadas?<sup>5</sup>

É quando chegamos à segunda teoria do módulo 7. Uma teoria prática, é verdade. Mesmo assim, teoria. No módulo 2, sobre Manuel Bandeira, revelamos meu encontro (por cartas e entrevista) com o poeta francês Yves Bonnefoy, encontro graças à poetisa francesa Isabelle Macor. Neste módulo 7, recordamos a indicação de leitura (também de Isabelle) de *Les Roses de la Solitude* (*As rosas da solidão*), da filósofa, escritora de ficção, primeira mulher a lecionar no Collège de France e segunda a ingressar na Academia Francesa, Jacqueline de Romilly.

---

<sup>5</sup> CORALINA, Cora. Velho sobrado. In *Nos reinos de Goiás*. In Op. cit., 2017, p. 42, 43, 44 e 46, colchetes nossos.

Este livro é feito de memórias e devaneios: evoca objetos familiares, cada um dos quais traz o rastro do que foi minha vida.

Normalmente, mal podemos vê-los; estamos acostumados com eles, não prestamos atenção. Mas acontece que, às vezes, em caso de qualquer coisa e de um simples momento de atenção dado de passagem, encontramos um pouco de lembranças que, ao longo dos anos, se apegaram a eles. É uma experiência muito simples e única. Eu queria tentar descrevê-la, sem modificar a verdade de forma alguma; às vezes é simples, às vezes ingênuo, mas não importa: pela primeira vez eu quis dizer exatamente como era, sem inventar nada, sem acrescentar ou corrigir nada.<sup>6</sup>

Jacqueline descreve esculturas, tapeçarias, móveis antigos, como se estivesse diante deles pela primeira vez, com olhar puro de criança, e tenta extrair dos objetos a sua mais profunda essência.

Encontramos esse mesmo desfiar de reminiscências-palavras a partir de objetos-coisas na poesia-narrativa ou prosa-poética de (Anna) Cora Coralina...

Pé de meia sempre vazio.

Vazios os armários

Seus mistérios desmentidos.

Fechaduras arrebitadas, arrancadas.

Velhas gavetas de antigas

mesas de austeras salas vazias.

Os lavrados que guardavam,

vendidos, empenhados,

sem retorno.

As velhas gavetas

guardam sempre um refugio de coisas

que se agarram às casas velhas e acabam mesmo nos monturos.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> ROMILLY, Jacqueline de. *Les Roses de la Solitude*. Paris: Éditions de Fallois, 2006, 4ª capa – Tradução livre minha.

<sup>7</sup> CORALINA, Cora. Moinho do tempo. In *Canto de Aninha*. In Op. cit., 2017, p. 72.

... mergulhando nas essências dos objetos-minicontos-reminiscências da escritora-poetisa-professora de Escrita Criativa mato-grossense-do-sul-gaúcha Moema Vilela em *A dupla vida de Dadá...*

De dia trabalhou na fábrica de cigarros, de noite posou de modelo para um fotógrafo famoso. De volta ao apartamento, ela abraçou a porta, a mesa, as paredes, as cadeiras, os livros, as peças de roupa que lhe desvestiam o corpo, uma a uma, até sobrar só um anel. O anel foi lançado ao alto em um gesto solto, generoso, como arroz para noivos. A artista via a loucura dos objetos e a convocava a falar mais: abriu os armários, a torneira da pia, o chuveiro, o gás do fogão, latiu para o cachorro Pinky e acompanhou a dança da vida até o monóxido de carbono apagar seu pulmão.<sup>8</sup>

... até chegarmos à terceira teoria do módulo 7 sobre Cora Coralina: a análise magistral do quadro do pintor espanhol Diego Velázquez “Las meninas” (1656), em *As palavras e as coisas*, do filósofo francês Michel Foucault.

Ao apresentar os personagens que estão ausentes do quadro (o rei e a rainha, pais das “meninas”) e que sabemos da existência por intermédio do espelho central, Foucault traz à tona a (mais profunda) essência das coisas-imagens de Velázquez, e que podemos aplicar na poesia-prosa de Coralina e Vilela.

Talvez haja, neste quadro de Vélazquez, como que a representação da representação clássica e a definição do espaço que ela abre. Com efeito, ela intenta representar-se a si mesma em todos os seus elementos, com suas imagens, os olhares aos quais ela se oferece, os rostos que torna visíveis, os gestos que a fazem nascer. Mas aí, nessa dispersão que ela reúne e exhibe em conjunto, por todas as partes um vazio essencial é imperiosamente indicado: o desaparecimento necessário que a funda – daquele a quem ela se assemelha e daquele a cujos olhos ela não passa de semelhança. Esse sujeito mesmo – que é o mesmo – foi elidido. E livre, enfim, dessa relação que a acorrentava, a representação pode se dar como pura representação.<sup>9</sup>

## As casas

---

<sup>8</sup> VILELA, Moema. *A dupla vida de Dadá*. In *A dupla vida de Dadá*. Guaratinguetá, SP: Penaluz, 2018, p. 45.

<sup>9</sup> FOUCAULT, Michel. *Las meninas*. In *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução: Salma Tannus Muchail. 9ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 20-21 – (Coleção Tópicos).

Casa Velha da Ponte...

Olho e vejo tua ancianidade vigorosa e sã.

Revejo teu corpo patinado pelo tempo, marcado das escaras da velhice. Desde quando ficaste assim?<sup>10</sup>

No terreiro rústico da Fazenda Paraíso,  
nos anos da minha adolescência,  
era certa e esperada aquela comunicação anual.

A volta dos casais de João-de-Barro,  
para levantar suas casinhas novas  
nos galhos do grande jenipapeiro.

Raramente retocavam alguma casa velha  
das muitas que resistiam pelas forquilhas.

Preferiam fazer novas. Chegavam em alarido,  
gritadores alegres. Gente de casa, dizia rindo meu avô.

Era o tempo sagrado da reprodução.<sup>11</sup>

Cora Coralina teve muitas casas. Na Goiás Velho. Na Fazenda Paraíso. Em São Paulo, Jaboticabal, Penápolis, Andradina, até retornar, quarenta e cinco anos depois da fuga com o futuro marido e pai dos seis filhos, o advogado divorciado Dr. Cantídio Tolentino de Figueiredo Brêtas, para a cidade natal, Goiás Velho.

[https://www.youtube.com/watch?v=xkqA\\_TIPqm4](https://www.youtube.com/watch?v=xkqA_TIPqm4)

A obra de Cora Coralina também dá muitas voltas, tem de esperar. Publica o primeiro livro aos 76 anos, apesar de escrever desde mocinha. É considerada uma poeta menor, de pouca instrução, até ser, aos 91 anos, reconhecida nacionalmente por Carlos

---

<sup>10</sup> CORALINA, Cora. Casa Velha da Ponte. In *Estórias da Casa Velha da Ponte*. 14ª ed. São Paulo: Global, 2013, p. 7.

<sup>11</sup> CORALINA, Cora. As maravilhas da Fazenda Paraíso. In *Paraíso perdido*. In Op. cit., 2017, p. 130.

Drummond de Andrade – o mesmo Carlos Drummond que iremos estudar no módulo 10 do nosso curso “Os mundos de dentro”.

A forma como Coralina escreve poesia e prosa se imbrica, se mistura, se esfuma como giz colorido em um papel em branco – constatamos essa afirmação nos dois exemplos (considerados prosa e poesia, respectivamente) que abrem o subcapítulo “As casas” do presente módulo. Mas, principalmente, Coralina nos ensina a persistência, o acreditar na própria escrita, independente do reconhecimento, independente se é considerada uma poeta menor.

Nasci para escrever, mas o meio,  
o tempo, as criaturas e fatores  
outros contramarcaram minha vida.

Sou mais doceira e cozinheira  
do que escritora, sendo a culinária  
a mais nobre de todas as Artes:  
objetiva, concreta, jamais abstrata  
a que está ligada à vida e  
à saúde humana.<sup>12</sup>

Que o exemplo de Cora Coralina acompanhe a todas e todos nós, escribas de paixão, assim como o reconhecimento, ao menos próprio, para trazermos à tona, não importa se em forma de prosa ou poesia, as nossas reminiscências-coisas mais antigas, as nossas essências-palavras mais profundas dos nossos únicos e particulares mundos de dentro.

---

<sup>12</sup> CORALINA, Cora. Cora Coralina, quem é você? In *Entre pedras e flores*. In Op. cit., 2017, p. 125.



### Filmes sobre Cora Coralina e a Escrita Criativa

- 1) *Cora Coralina – Todas as vidas* (2017):  
<https://www.youtube.com/watch?v=WhFjzxLeThg>
- 2) *O colar de Coralina* (2018): <https://www.youtube.com/watch?v=N-58pWxNEow>
- 3) *Entrevista no Vox Populi – Parte I* (1983):  
<https://www.youtube.com/watch?v=MVi9MFLIfnE>

### Exercício de desbloqueio

Utilizando as técnicas da *ekphrasis* dos gregos, e/ou das reminiscências nos objetos antigos de Jacqueline de Romilly, e/ou da pura representação das palavras nas coisas de Michel Foucault que encontramos na poesia e na prosa de Cora Coralina e Moema Vilela, escreva um poema, conto, reflexão filosófica em forma de texto, vídeo ou fotografia, lembrando-se sempre de trazer ao centro as palavras. Afinal, o nosso curso é de Escrita Criativa.